



LABIRINTOS ECOLÓGICOS: NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIAS E SABERES AMBIENTAIS

Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes¹

Fabício Sousa Sampaio
Márton Tâmas Gémes²

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sociológica dos processos constitutivos de saberes, atitudes e ações ecológicas, na perspectiva de um grupo de dez trabalhadores urbanos que elaboram suas relações de trabalho na coleta diária de resíduos sólidos nas zonas abissais da fome, pobreza e miséria. Essa experiência foi vivenciada no bairro Campo dos Velhos, localizado na periferia da cidade de Sobral. A abordagem se delineou a partir de estudos das Epistemologias ambientais realizados quando ministrei a Disciplina Sociologia do Meio Ambiente. Assim pude desenvolver um Estudo Etnográfico, fiz observação e escutei narrativas sobre as vivências e experiências dos atores sociais. Tive a pretensão de buscar compreender como as atividades de recicladores corroboram com as redes de saberes ambientais na perspectiva de produzir uma ecologia da rua. O recorte analítico aqui é refletir como os saberes ecológicos são corresponsabilidade tecida nas possibilidades, de ações híbridas de sujeitos ecológicos humanos e não humanos, que cotidianamente reproduzem a vida nos diferentes ecossistemas que partilham. Essa partilha é atravessada por uma nova racionalidade ambiental produzida nas utopias do mundo de Si, do Mundo do Outro e do Mundo da vida.

Palavras-chave: Recicladores, Experiências, Saberes Ecológicos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, que recai sobre uma abordagem sociológica da construção de processos de fazeres e saberes ambientais. No sentido da compreensão da seguinte tese: como as atividades realizadas pelos sujeitos que fazem a atividade da coleta de materiais recicláveis na cidade de Sobral/CE corroboram com as redes de saberes ecológicos, produzindo o que eu denomino aqui, de Ecologia da Rua.

A pesquisa se insere no campo da Sociologia do Meio Ambiente a partir da complexidade e apreensão epistemológica da racionalidade ambiental se buscou compreender o fenômeno da experiência humana através de redes, de processos societários de buscas e estratégias para adquirir recursos para a sobrevivência, na atividade cotidiana de garimpar pelas

¹ Pos Doutora do Programa Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, ivaldinetedelmiro@gmail.com;

²Professor Doutor em Luzitanistik pela Univertat Zur Koln /AlemanhaA, marton_tamas@uvanet.com



ruas da cidade, os resíduos sólidos, ou seja, os materiais que são jogados pelos consumidores e se transformam em materiais recicláveis.

Na sociedade contemporânea os sujeitos se reconhecem no agir profundo da capacidade física e simbólica de interagir com os outros sujeitos humanos e não humanos. Nas construções de redes desse agir, pode se compreender as diversas dimensões sociais, políticas e culturais nos domínios de processo de eventos ambientais, laborais, educativos e históricos.

O agir educativo torna-se parte constitutiva do fazer ético, da formação da consciência coletiva, ou seja, do torna-se sujeito da vida na polis, sujeito atravessado pelo desejo de contribuir e do viver comprometido com comportamentos e estratégias de viver e possibilitar a vida do outro. Como aponta Maria Cecília Pelicone (1995, p. 22):

A educação ambiental tem como objetivo, portanto, formar a consciência dos cidadãos e transformar-se em filosofia de vida de modo à levar a adoção de comportamentos ambientalmente adequados, investindo nos recursos e processos ecológicos do meio ambiente. A educação ambiental, deve necessariamente transformar-se em ação. Enquanto prática político/pedagógica, a Educação Ambiental determinada histórica e socialmente, pretende possibilitar o desenvolvimento e a escolha de estratégias de ação, que venham contribuir para a construção do processo de cidadania e para a melhoria da qualidade de vida da população. (PELLICIONE, 1998, p.22).

Na tessitura da dimensão socioambiental se processa o agir da reciclagem em várias formas e trabalhar esse elemento, tanto nas esferas públicas, quanto nas esferas privadas. Ao que tange as coisas da esfera pública, eu observei que na cidade de Sobral, que a atividade de reciclagem foi constantemente adotada por vários sujeitos: agentes sociais, grupos de famílias, empresas privadas e alguns agentes ligados aos setores públicos. Foram lançadas em 2022 uma série de políticas públicas focadas na gestão ambiental e no cuidado com a limpeza urbana. No que se refere as ações destinadas aos manejos de resíduos sólidos produzidos em sua área urbana, foram criadas, políticas públicas com iniciativas de elaborar o descarte correto de todos os resíduos sólido, exemplo disso é o projeto RECICLASOL.

Neste projeto ou ação governamental (municipal) de gerenciamento de resíduos sólidos da cidade de Sobral/CE, foram implantadas três Ilhas de coletas dos resíduos em locais estratégicos, nas quais são depositados vários tipos de materiais recicláveis, como: plásticos, papel, metal e vidro, as chamadas Ilhas Ecológicas da cidade de Sobral. “As ilhas foram adquiridas com recursos aprovados pelo Conselho Gestor do Fundo Socioambiental do Município de Sobral (Funsams), que tem por finalidade apoiar planos, programas, projetos, pesquisas e tecnologias que visem o uso racional e sustentável dos recursos naturais, bem como



a implementação de ações voltadas ao controle, à fiscalização, à defesa e à recuperação do meio ambiente.” (Sobral.GOV)

As Ilhas Ecológicas foram construídas com a finalidade de realizar o descarte correto dos materiais ou produtos de reuso (lixo), reduzir a porcentagem de dejetos a serem destinados para aterros sanitários, cuidar da sustentabilidade ambiental promover uma qualidade de vida a população. Aqui analiso que os programas públicos de reciclagem é parte constitutiva do saber fazer a ecologia da Rua.

METODOLOGIA

De início foi feita uma revisão bibliográfica necessária ao entendimento dos conceitos a serem trabalhados (dentre eles o de Educação Ambiental, Sujeito Ecológico, Ecologia da Rua, ética do cuidado, consumo sustentável). A pesquisa bibliográfica abarcou livros, artigos de autores que se debruçaram sobre o tema, com Carvalho, Giddens, entre outros. Após foi feita a pesquisa documental que compreendeu alguns documentos e sites oficiais consultados. A pesquisa de campo compreendeu uma disponibilidade de interação com os sujeitos e suas práticas de trabalho, como coletadores de materiais recicláveis. Pois, eu compreendo que, a pesquisa qualitativa demanda de interação ética e política entre sujeitos humanos que desempenham intervenções diretas no mundo da vida cotidiana.

Nesse processo da observação e conversas foi fundamentado através de escolha crítica e atravessada pelo meu agir político de reconhecimento da atividade desses agentes. Esta escolha foi forjada nas redes de práticas subjetivas, que fundamentais para a produção de um saber prático inserido na gramática da vida, da sustentabilidade, de gerar e manter a vida . Para CRESWEL (2010) a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador tipicamente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes. E, nesse envolvimento foi realizada a observação direta, entrevistas, participação em atividades e observação, como se dão as práticas ecológicas realizadas pelos agentes sociais que trabalham com a coleta de recicláveis.

A pesquisa com o grupo de homens que elaboram o trabalho de recicladores em Sobral foi realizada a partir da Disciplina Sociologia do Meio Ambiente, vinculada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. A proposta para pesquisar nesta área, em temas da Educação Ambiental e Epistemologias Ambientais nasceu de minha inquietude de

mulher negra, de sujeito ecológico, movida pela vontade de escrita e pelas múltiplas intersecções que modificam meu lugar de cidadã que aciona diariamente, este processo de descolonização do saber científico.

É bom ressaltar aqui, que eu enquanto sujeito ecológico, não e me vejo fazendo ciência (diletante). Eu me sinto utilizando e usando o espaço acadêmico como lugar no qual eu cartografo e proponho o exercício de descrever, denunciar e de anunciar o problema. Pois, escrever e pensar é um fazer e saber político. Neste sentido, aponto que, ainda estamos e somos diariamente atravessadas pelo agir da razão instrumental, e não estamos preparadas (ou querendo) para sair do abismo racional, que a ciência moderna criou entre a razão e o mundo da vida. Eu fico com a complexidade do mundo da vida. Pois, aqui compreendo que a vida não se esgota nos porões do saber científico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A vida moderna é representada de uma existência quase humana, alicerçada nas formas e modos de vida construídas nas relações de produção. O processo de produção social e cultural acarretaram um convívio esfacelado pela cultura da divisão do trabalho, pelo distanciamento da comunidade, pela exploração da natureza, e conseqüentemente acúmulo de riqueza e de resíduos de todas as espécies (lixos), pela obrigatoriedade da liberdade individual, pelo individualismo burguês e suas conseqüências devastadoras, como a fome, a miséria, a alienação, a violência, o desperdício e outras coisas. Sobre os aspectos da modernidade, assim analisa GIDENS:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram, para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. (GIDENS, 1991, p. 35)

No processo de limpar o mundo, os agentes sociais, que lidam o material reciclável (como recicladores) do município de Sobral Ceará, desenvolvem um saber-fazer, construído a partir de relações recíprocas sujeito-objeto que envolvem o conhecimento dos impactos e implicações socioambientais gerados pela fabricação, produção, manejo, transporte, utilização e descarte de diferentes tipos de materiais e a maneira como suas escolhas, gestos, corpos e



subjetividades se delineiam a partir desses modos de agenciar algumas experiências de cuidado. Aqui eu percebo como uma construção de um saber consciente atravessado pela necessidade

A educação ambiental é considerada um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do meio ambiente e adquirem os conhecimentos, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tomam aptos a agir individual e coletivamente para resolver problemas ambientais presentes e futuros (Dias, 1992, p. 92).

Nesse sentido, na educação ambiental se insere as experiências e os saberes específicos, construídos e partilhados no dia-a-dia, que vão dá suporte à vida individual (nas relações micro) e no macro através de projetos geridos no e para o coletivo. Essas experiências envolvem interesses, preocupações, medos, desejos, sonhos, vontade de entender os processos, demandas e impactos de nossa forma de viver. E, assim, tentar minimizá-los, tentar cultivar um modo de vida mais sustentável para o nosso planeta. De modo que, se possa propagar um saber fazer ecológico, ético com responsabilidade de equilíbrio, sustentabilidade e manutenção do planeta, com potencial via de ser habitável para os seres humanos e para os não humanos, os animais e vegetais. Sobre as algumas questões ambientais, este estudioso faz esse apontamento:

A degradação ambiental causada pela sociedade, nunca foi tão questionada. Os recursos naturais estão sendo utilizados, de forma inconsciente, como se não houvesse fim, sem preocupação com o acesso das gerações futuras aos recursos naturais em abundância. Existem, atualmente, movimentos ecológicos que lutam em prol da natureza, erguem a bandeira verde e tentam transformar as questões ambientais em problema exclusivamente técnico. (GONÇALVES, 2008, p. 58).

Em contrapartida, o fazer cotidiano da coleta realizada pelos recicladores, ainda é um processo que está sendo construído na teimosia e no agir efetivo da fome, pois, configura-se como uma busca pelo sustento, um corre pela vida, uma alternativa (a única) para tentar a sobrevivência. Assim, percebo que, é a partir da coleta de materiais plásticos, ferro, e outros que esses agentes desenvolvem, na maioria das vezes, práticas de sustentabilidade e sobrevivência. É importante ressaltar que haveria, portanto, um desejo de tornar mais – supostamente – natural a presença humana na Terra. Ou, pelo menos, um desejo de que os processos tidos como antinaturais ocasionados pelos seres humanos, entrem em um ciclo, sustentando uns aos outros, sem mais considerar o planeta como uma fonte eterna de recursos a serem utilizados de forma irresponsável e desmedida.

A consciência ambiental defendida por esses agentes sociais, apreendida pelo estilo de vida que decidiram adotar, é algo que se encontra em crescente manutenção, é uma forma de

viver que exige que se esteja sempre atento, que envolve a transmissão de conhecimento, práticas educativas e processos de cuidado. É um tipo de saber que envolve o agir ético em diversas relações e contexto. Para Carvalho (2012, p.36), “a Educação Ambiental tem uma proposta ética de longo alcance que pretende reposicionar o ser humano no mundo, convocando-o a reconhecer a alteridade da natureza e a integridade e o direito à existência não utilitária do ambiente”. Neste aspecto, a experiência, o trabalho, o aprendizado cotidiano e o cuidado servem como base dessa educação.

É um cuidado ecológico em relação aos devires do mundo, um desejo de aprender (e transmitir o que já se aprendeu) sobre formas de bem-estar, sobre formas de sustentar um mundo que está em eterna transformação. É uma nova forma de pensar:

Para Morin (2013) o conhecimento fica desorientado pela rapidez das evoluções e das mudanças contemporâneas e, ao mesmo tempo, pela complexidade própria à globalização: inúmeras inter-retroações entre processos extremamente diversos (econômicos, sociais, demográficos, políticos, ideológicos, religiosos, etc). [...] Enfim, nós, habitantes do mundo ocidental ou ocidentalizado, sem ter consciência disso, sofremos dois tipos de carência cognitiva: as cegueiras de um modo de conhecimento que, compartimentando os saberes, fragmenta os problemas fundamentais e globais que demandam de um conhecimento transdisciplinar; o ocidentalocentrismo, que nos instala no trono da racionalidade e nos dá a ilusão de possuir o universal. [...] Assim, não é apenas nossa ignorância; é também nosso conhecimento que nos cega (MORIN, 2013, p.19).

Na pesquisa pode fazer uma leitura do processo de exclusão social. Aqui foi retomado o estudo para o recorte do trabalho precarizado de pessoas, que realizam o processo de trabalho de garimpar materiais recicláveis, em situação de extrema exclusão. Sobre a exclusão social, Giddens (2005) afirma:

A exclusão social pode ser definida como uma combinação de falta de meios econômicos, de isolamento social e de acesso limitado aos direitos sociais e civis, representando uma acumulação de fatores sociais e econômicos ao longo da vida cotidiana que são caracterizadas por padrões de educação e de vida, saúde, violência, desigualdade social, miséria, injustiça, exploração social e econômica. A exclusão social está relacionada a um processo histórico pela relação de impacto da pessoa humana em sua própria individualidade, de maneira que a exclusão acontece em grupos, ambientes e situações, nas quais, quem está fora das margens estipuladas pela sociedade, sem possibilidade de participação é um ser excluído do social.

A forma que trabalham é uma singularidade de sofrimento relacionado ao estado de vulnerabilidade intensa que vivem. No modo de vida simples, os catadores elaboram práticas de coletar os materiais descartados pela população e vendem para seu sustento. Vejo que, neste



estado de profunda exclusão, eles praticam e gerenciam ações (de reciclagem), de forma efetiva que corroboram com fazer e um saber ecológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O lugar e falas dos Recicladores na cidade

Durante o percurso da pesquisa, fiz a análise sociológica sobre as atividades de reciclagem no cotidiano dos homens que vive em situação de trabalhador informal nas ruas e praças de uma cidade de porte médio do interior do Nordeste Brasileiro. Assim, elaborei algumas redes de relacionamentos com esses sujeitos no cotidiano da rua, local de trabalho, mas precisamente no Bairro Campo dos Velhos e arredores do Bairro Alto da Expectativa. Lugares sociais, geofísicos e simbólicos, onde se desdobraram as nossas conversas e observações. Pois, é ali onde partilhamos diversas formas de interações sociais, cuidado, afetos e de muitas reciprocidade físicas e simbólicas. Entre mim e os sujeitos.

A minha escolha de pesquisar sobre esta experiência, os momentos de trabalho realizado pelo grupo de garimpeiros de produtos para reciclar nesses lugares, se justifica que pelo fato de ser o meu pedaço, moro, cuido, limpo, denuncio, planto, e atuo ali. Assim, busquei compreender como eles vivenciavam a invisibilidade e rejeição social traduzidas em várias formas de violências físicas e simbólicas, infringidas pelo não reconhecimento dos direitos: comer, vestir, sonhar, traduzido pelos direitos de igualdade, liberdade e cidadania. Dessa forma, eu escolhi me aproximar e entender a situação sem rodeios ou inseguranças. A possibilidade ou sombra do medo não me afetava nesta jornada etnográfica que propus realizar acerca das experiências de sujeitos que vivem e morrem na linha de abismo da miséria, do sofrimento e do medo da perda do apossamento de si.

A pesquisa teve a duração de dois semestres (formal). Nela eu pude observar que o sujeito que trabalha informalmente na coleta de materiais para reciclar (garimpeiros de recicláveis), foi marcado pelas contingências da vida árdua, pela falta de trabalho fixo, pelo estigma, pelo caos provocados pelo sistema liberal. Desta forma pude perceber que esses homens eram excluídos por vários motivos, como pelo fato: de ser ex-presidiário, pelo lugar de moradia, pelas roupas ou vestimentas, pelo fato de ser dependentes químicos de álcool, de crack, por ser desempregado, por ser portadores de HIV e de outras doenças tidas como contagiosas, pelos rostos famintos e desnutridos, desidratados, analfabetos, queimados pelos raios solares e por tantos outros sofrimentos provocados pelo viver neste abismo de fome e desemprego.

No dia a dia da pesquisa foi revelando as experiências de sujeitos ecológicos, nas conversas, em momentos diferente, todos foram vivido de frente ao meu lugar de moradia. Eu me sentava no chão em baixo de um árvore (conhecida por Ninho), na parte da manhã. Era entre nove as onze horas. Eu lhes servia um café, com bolo, canjica, bolacha, milho cozido, muitas garrafas de água e outros. E, assim iniciava uma conversa, calma. leve solta. Eles falavam sobre as práticas, medos, comportamentos, atitudes, discursos e afetos que se desenrolam no cotidiano dos catadores de produtos (recicladores). Muitas conversas eu prometi que não partilharia com outras pessoas. Nesta intenção de respeito e de compreender esta produção de sujeitos ecológicos, ouvi muitas histórias. Segue algumas:

Eu sou casado. Tenho três menino. Tá todo mundo sem condição agora. É uma vida muito dura. Nós não tem mesmo saída, e tá só piorando. Faz tempo que estou nessa vida. Faço uma caminhada grande e muitas vezes consigo nem levar o feijão. A Senhora sabe quanto é o quilo de plástico. Um Real. O bom é quando aparece ferro, porque eu vendo pelopreço de cinco reais. Já fica difícil porque tem muita gente nas ruas catando. O papel ninguém quer mais comprar de nós. E assim vamos nessa vida. Seria mais fácil se todos colaborasse com nós. Muitos acham que somos bandidos. Acho que s'falta oportunidade de trabalho por isso que catamos isso para vender. (Senhor Paulo, 41 anos, 7 anos de trabalho na reciclagem).

Era para eu ser aposentado, eu sou doente dos nervos. Não tenho pai nem mãe. Moro com a minha irmã. Faz 4 anos que vivo nessa vida. É muito quente. Tem gente que ajuda a gente. Eu já ganhei até uma mesa. Tá lá em casa. As vezes consigo tirar um dinheirinho das vendas. Mas tá difícil. Se eu pudesse eu ajudava mais minha irmã. A Gente ajuda a limpar, e muita gente não nos entende, sabe. Outro dia eu pedi agua e nem saíram fora. Vou levando, do jeito que Deus quer. (Sr. Alberto, 54 anos).

Olhe Senhora tudo que eu tenho em casa comprei com meu trabalho de coletar esses troços. É, já foi muito bom quando tinha pouca gente. Agora até briga tem pelos espaços. Não é em todo canto que nós podemos cata, sabe. Eu quase apanhei de um cara, porque fui para uma rua que ele disse que era o lugar dele. Meu pai é idoso. Eu não bebo, não tenho vícios, gosto de comprar as coisas para casa. É tudo muito caro e eles não querem comprar o nosso material com um preço bom. Muitos só compram por micharia. Mas,



*eu vou continuar trabalhando aqui, eu gosto, não tem outro trabalho.
(Claudio, 35 anos. Dez anos que faz a coleta de recicláveis)*

Dentro do processo de trabalho de reciclagem, realizada por pessoas desempregadas, surgem a preocupação de colaborar com o meio ambiente, pois nestas formas simples de coleta os sujeitos despossuídos reforçam a prática cuidar e preservar da vida. E vão corroborando no desejo de seres visto como cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir essa análise realizada sobre o agir ecológico dos recicladores de Sobral e de sua importância para o meio Ambiente, é possível considerá-lo uma estratégia de cuidado e vida pública e privada, que exerce influência na educação ambiental e cria (as vezes) redes de participantes com propostas de reconstruir laços de convivência éticas, ecológicas e cuidativas.

Percebe-se que os homens recicladores, participantes da pesquisa, vivem e são participes de uma estrutura social, que os coloca em situação de miserabilidade e exclusão, engendrada por regras de produção e reprodução. Principalmente por se direcionar aos recicladores das camadas populares que são costumeiramente estereotipados de forma negativa. Pesquisar sobre eles transfigura também um aspecto de denúncias, de rompimento da continuidade social, uma vez que não são desprendidos de suas realidades sociais, mas sim absorvidos por regras de um sistema perverso. social.

Nas sociedades contemporâneas são caracterizadas pelas divisões de classes e reprodução dessas, tornando-se uma estrutura fechada com poucas disposições de oportunidades de mobilidade entre as classes. O atual cenário brasileiro apresenta grandes desigualdades sociais, muita produção de mercadorias, e descaso com os sujeitos, o que torna difícil os atores sociais se posicionarem a partir de seus sonhos e anseios de forma segura no mundo da vida.

Os atores sociais que colaboram e participaram dessa experiência de vida e pesquisa, são aqueles que vivem em extrema pobreza, os menos favorecidos são os que estão na luta diária pela sobrevivência. Muitos não tiveram oportunidades de trabalho bem remunerados, de ter qualidade de vida, não tiveram acesso as políticas públicas ou a proteção social básica. A



forma de vida foi analisada dentro processo de trabalho. Na coleta de resíduos sólidos eles vislumbram algumas perspectivas para assumirem o direito de comer, de cuidar da família. Este fato se insere estratégica no campo do cuidado, da luta, no sentido de alcançar oportunidades favoráveis à sua vida, as condutas do agir no desenvolvimento de estratégias mais amplas . O processo de catar materiais para vender nos depósitos de reaproveitamento, se encontra intrínseco nas redes de convivência que se encontram organizada entre eles, com seus códigos territoriais (onde pode e não pode trabalhar).

Por isso é preciso compreender que o processo de vida recaia sobre os dispositivos da sensibilidade ecológica, do fazer humano como uma das premissas da educação ambiental neste século XXI. Pois, percebe que a sensibilidade é transformada pelo agir da racionalidade, da eficiência científica, tecnológica e do lucro mercadológico.

Enfim, ao escrever este artigo se percebe o quanto é desafiante viver e centrar nas experiências do sujeito, que é ao mesmo tempo fragilizado, excluído e descartável. É, ao mesmo tempo, sujeito de práticas profundas, que nos permite religar o potencial de atitude de vida que incorpora um saber. E acabam apresentando uma dimensão, sensível a desejar quanto a sua incumbência em oferecer estratégias que permitam melhores oportunidades e perspectivas para os que habitam o planeta terra.

AGRADECIMENTOS

Eu sou grata a Deus por tudo. Aos sujeitos ecológicos pela partilha de suas experiências de vida pela partilha da sombra, do sol, do café e das resistências ecológicas e ambientais

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Isabel. C. M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito Ecológico**. São Paulo. Editora Cortez. V. P. 36 2012.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed. 2010. V. P. 36. 2010.

DIAS, Genealdo Filho. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Global. V. p. 42. 1994.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (Des) Caminhos do meio Ambiente**. 14 ed. São Paulo. Contexto. V. p. 58. 2008.

GATARRI, Felix, **As três Ecologias**. 21,Edições. Campinas São Paulo Papirus. V. P. 2013



GIDENS, Antony, **As consequências da Modernidade**. São Paulo. Editora UNESP. V. 7, P. 3-25, 1991.

HANNIGAN, John. **Sociologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

JACOBI, P. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-. 205, março/2003. .

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MORIN, Edgar. **O desafio do século XXI: religar os conhecimentos**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. São Paulo: Cortez.2005.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.V.P. 19.

PEDRINNI. Alexandre de Gusmão. **Paradigmas metodológicos para Educação Ambiental**.

Petrópolis. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014.

PELICIONE, Maria. C. **Educação Ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade**.

(Text/Artigo): Faculdade de Saúde Pública da USP)V.P 22.1995.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.